



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO CEUB DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO**  
**ICPD**  
**JOSÉ DELCIDES PEREIRA DA SILVA**

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA ESCOLA**  
**É POSSÍVEL MUDAR?**

**Brasília**

**2016**

**JOSÉ DELCIDES PEREIRA DA SILVA**

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA ESCOLA  
É POSSÍVEL MUDAR?**

Trabalho apresentado ao Centro  
Universitário de Brasília  
(UniCEUB/ICPD) como  
pré-requisito para a obtenção de  
Certificado de Conclusão de Curso  
de Pós-Graduação *Lato Sensu*, na  
área de Revisão de Textos.  
Orientador: Ma. Denise Silva  
Macedo

**Brasília**

**2016**

## RESUMO

Esta monografia tem como objetivo apresentar a questão das variações linguísticas no Ensino Fundamental I bem como a problemática sobre a discriminação existente em decorrência dessa variação no Brasil, um país de grande dimensão e com forte influência regional, principalmente, na região do DF, onde a população, em sua maioria, é oriunda dos diversos estados da Federação. A metodologia aplicada neste trabalho foi a qualitativa. Estabelece um padrão de busca de textos correlatos à temática e reproduzi situações reais relacionadas à minha experiência profissional sobre o tema. Ao final, sugere como combater a prática do preconceito e da discriminação decorrentes das variações linguísticas. A conclusão a que se chega é que existe, na sociedade brasileira, preconceito linguístico, sobretudo, nos locais onde predomina a linguagem padrão, como as escolas e os meios de comunicação. As contribuições deste estudo são suas sugestões de formas de combate para nortear a direção das escolas, que devem adotar ações que visem a combater a discriminação e o *bullying*. Tais ações podem ser levadas a efeito pelos educadores e possivelmente multiplicadas entre as instituições de ensino de todo o país para combater esse comportamento discriminatório que ocorre diariamente nas escolas do Brasil. Essa prática discriminatória existe, pode e deve ser combatida. Os elementos para isso estão ao alcance de todos. Isso será demonstrado nesta monografia.

**Palavras-Chave:** Variações Linguísticas. Língua. Educação. Discriminação. *Bullying*.

## ABSTRACT

This undergraduate thesis has the aim to introduce the question about language variation on basic education I as well about the problems and discrimination due to this variation in Brasil, a huge country with strong regions influence, mainly about DF, where population, mostly came from another states of federation. The method in this thesis is the quality. I put a pattern of search of texts related to the theme as well real situations of my personal and professional experience. At the end a suggest how to fight the practice of the prejudice and discrimination of this variation. The conclusion that I came is that exists, in brazilian society, language prejudice, mostly in the places where the pattern language prevails. To fight this to occur I show suggestions that has to be taken by educators. The elements to that can be reached for all.

**Key-Words:** Language Variations, Language, Education, Discrimination, Bullying.

## SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO.....	05
II-O QUE É LINGUAGEM.....	07
III-A FORMALIDADE.....	07
IV- DA FORMA DE ENSINO PADRÃO.....	08
V- A INFORMALIDADE.....	09
VI-VARIAÇÕES DIACRÔNICAS, DIAFÁSICAS, DIASTÓPICAS E DIASTRÁTICAS.....	11
VII-VARIAÇÕES POR PROFISSÃO.....	14
VIII- VARIAÇÕES POR CLASSE SOCIAL.....	16
IX-VARIAÇÃO POR FAIXA ETÁRIA.....	16
X-PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....	16
XI-PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO BRASIL.....	18
XII-CONSEQUÊNCIA.....	19
XIII-VARIANTES LINGUÍSTICAS E PRECONCEITO NO CONTEXTO ESCOLAR.....	19
XIV-O PROBLEMA.....	20
XV-METODOLOGIA.....	21
XVI-ANÁLISE DE DADOS.....	21
XVII-CASOS CONCRETOS.....	23
XVIII-É POSSÍVEL COMBATER O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA ESCOLA.....	24
CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS.....	28

## INTRODUÇÃO

O tema Variações Linguísticas no Ensino Fundamental é extremamente pertinente no Brasil devido à dimensão continental deste país, que abriga vários modos de falar, e é pertinente porque as variações refletem passagem de tempo e mudança de contexto (formal ou informal). Nesse turbulento contexto, enfrentamos uma realidade vivida pelos alunos das séries iniciais, em especial, os do Ensino Fundamental I, quando esses pequenos aprendizes começam a ter noção de convívio e das variações da língua falada, o que remete à ilação óbvia da influência do contexto na comunicação e na expressão.

Este tema é importante, pois a discriminação vem, muitas vezes, da educação (ou falta dela). O assunto não é muito discutido ou explicado, e crianças em tenra idade, que ainda estão no período de formação e de entendimento dentro do âmbito escolar, por muitas vezes, culminam por discriminar devido à falta de orientação. Proponho os seguintes questionamentos: qual a importância da variação linguística, sobretudo, da linguagem regional? Qual o papel dos pais na educação que vem de casa? Qual o papel dos professores e da escola visando a coibir a discriminação e o preconceito linguístico?

Esta monografia tem o escopo de tipificar o preconceito oriundo da verbalização linguística e as formas de combatê-lo desde a gênese da vida escolar dos infantes. Mais do que isso, traz a lume essa importante questão, pois vivemos em uma era de incertezas, de preconceito e de discriminação (contra negros, homoafetivos, mulheres, imigrantes). O trabalho desenvolvido tem o condão de apresentar formas eficazes e por vezes simples de identificar e combater o preconceito e a discriminação linguística logo nas séries iniciais,

quando temos as primícias da construção do caráter e da formação do cidadão do futuro e seu comportamento social.

Ao se considerar todo esse contexto de que a personalidade das crianças em séries iniciais está em formação de seus valores, eis que surgem as seguintes indagações: existe preconceito linguístico nas práticas escolares de nível Fundamental I, em decorrência das variações linguísticas? Por que e como o *bullying* linguístico se materializa nas escolas de Ensino Fundamental? Como podemos minimizar tal prática? A contribuição desta monografia é justamente responder a essas perguntas bem como fornecer elementos para que essa prática seja coibida. Erradicar o preconceito representa uma evolução na forma como se ensina e ao mesmo tempo se forma o caráter.

Esta pesquisa é qualitativa. Constitui-se da leitura de bibliografias de outros pesquisadores, da exploração de textos sobre o assunto, bem como de observação oriunda da experiência pessoal deste discente. Este tipo de pesquisa tem o intuito de aferir aspectos de uma questão, no caso, a percepção de práticas escolares. Na minha experiência pessoal, pude observar que não se toca diretamente no assunto nos conselhos de classes ou nas reuniões de pais e professores. Como supedâneo, consultei as obras de autores renomados como Bagno, Olivieri, Semenovich, Faraco, Camacho. Apliquei essa fundamentação teórica à minha prática. Em minha experiência pessoal como docente por anos, tive que, por muitas vezes, esforçar-me para descobrir a origem do comportamento introspectivo de muitos alunos que se isolavam no horário do intervalo e possuíam dificuldade de interagir com os demais colegas de classe. Percebi discriminação não apenas por alguma variação física, mas também por diferenças na forma verbal de se expressar. As formas mais recorrentes de preconceito linguístico são: depreciação do aluno que fala com determinado sotaque e atribuição de erro gramatical à fala dos estudantes, como a quem fala mandioca (no DF) e aquele que fala macaxeira (nome utilizado no nordeste do país).

## **CAPÍTULO 1 – O QUE É LINGUAGEM**

Para se falar em variação linguística, é necessária a compreensão do que significa linguagem, que pode ser definida como uma característica que nos diferencia dos demais seres e que nos habilita a revelar conhecimentos e expressar sentimentos e opiniões visando a promover nossa inserção no convívio social conforme (VYGOTSKY, 2002, p.18). Neste contexto da linguagem, temos dois padrões fundamentais, quais sejam: a formalidade e a informalidade.

### **II. A FORMALIDADE**

A linguagem formal está diretamente ligada ao que chamamos de linguagem escrita e a contextos educacionais ou solenes, em que as normas gramaticais estipulam regras em relação à língua portuguesa, o que culmina, na prática, com uma forte influência no tocante à oralidade. Em outras palavras, a norma padrão da instância escrita terminou sendo exigida também na fala.

### **III. DA FORMA DO ENSINO PADRÃO**

O Brasil adota uma forma de ensino em que se busca uma padronização, ainda que com algumas diferenciações de norte a sul, de leste a oeste, segundo a qual, em tese, todos deveriam estudar e praticar somente a norma culta da língua. Modo geral, não se estimula o conhecimento e a valorização da linguagem regional. Em sendo assim, em busca de um padrão de qualidade de ensino aplicado à educação em todos os níveis escolares, o Brasil busca uma garantia até então não efetivamente alcançada no nosso sistema de ensino no que diz respeito às variantes linguísticas.

Vamos conferir como Faraco problematiza a linguagem padrão.

Língua padrão: um "peixe ensaboado"?

A língua padrão na sua origem é a língua do poder político, econômico e social. Suas formas são asseguradas pelo processo social coercitivo agindo em várias direções. Uma delas é a própria escola que funciona para transmitir e conservar a língua "certa". Outra força é a dos próprios usuários da língua que lutam para alcançar a língua padrão porque sabem que não usá-las em certos contextos implica censura, discriminação e bloqueio à ascensão social.

Entretanto, se todos concordam com a existência e com as vantagens da língua padrão, pouca gente - se é que existe - é capaz de descrevê-la rigorosamente. Portanto a "língua padrão" é um peixe ensaboado!

Para que não haja "desespero", existem alguns aspectos que devem ser observados quando se fala em língua padrão:

a- A língua padrão não é uniforme, ela admite variações. Algumas delas são:

Variação geográfica - De uma região para outra, o padrão aceita diferenças de pronúncia, de vocabulário e de sintaxe. Porém, não são todas as variações que são aceitas. O grau de aceitação depende da importância social e econômica da região de origem.

Níveis de formalidade - O mesmo usuário da língua empregará formas lingüísticas diferentes de acordo com as situações vivenciadas.

Diferenças estilísticas - Cada usuário da língua tem um estilo próprio.

Língua oral e língua escrita - O padrão oral é mais flexível que o padrão escrito.

b- A língua padrão muda no tempo. Existem algumas conseqüências dessas mudanças:

Imprecisão de suas características - Quando há uma tendência forte na linguagem oral em "fugir" da língua padrão e, conseqüentemente, passa também a fazer parte da linguagem escrita.

"Convivência" entre formas arcaicas e contemporâneas - As "novidades" lentamente vão se popularizando e disseminando até o momento em que ninguém consegue perceber a nova forma como erro.

Língua Padrão: há um referencial?

Tradicionalmente, a referência era a dos bons escritores do passado. Mas, no mundo contemporâneo é levado em consideração os meios de comunicação social.

Diante disto, é importante que aquele que pretende dominar a língua não se limite a decorar regras, e sim, torne-se parte ativa e integrante da língua que fala e escreve.

O primeiro passo que deve ser dado nesse sentido é diversificar as fontes de referência da língua padrão. Não podemos nos limitar a uma só gramática tradicional e devemos vê-las cautelosamente, uma vez que trabalham normalmente com exemplos literários de autores antigos, são conservadoras, quando não intolerantes, diante dos sinais de mudança da língua.

Outra fonte importante de referência são os meios de comunicação de massa que têm produzido seus próprios manuais de redação procurando padronizar a linguagem do veículo, estabelecendo um padrão próprio. Mas também devemos ter cautela, já que em muitos aspectos esses manuais reproduzem (mal) normas das gramáticas tradicionais a que eles mesmos desobedecem...

Além do mais, há também os textos literários que servem de referência para a língua padrão, embora já não tenha a hegemonia que tiveram em séculos passados. Nesse sentido, a sua leitura é fundamental no universo de quem pretende dominar a língua padrão. Porém, do ponto de vista técnico, precisamos observar dois aspectos. O primeiro é que a linguagem literária é um gênero específico da língua, e não um instrumento que sirva para qualquer finalidade. O segundo aspecto é que não há relação direta entre literatura e língua padrão. Afinal, quem escreve bem, escreve bons textos, e não boas frases. (FARACO, 1992, p.42)

As pessoas raramente falam da forma como escrevem e vice-versa.

A gramática tradicional (corroborada pelo novo acordo ortográfico) nos ensina todo o regramento em relação ao que vamos precisar na vida acadêmica e muitas vezes em nossas comunicações do dia a dia, tratando como algo despreciando os chamados



regionalismos, que valorizam a região e a cultura de cada parte do país. (OLIVIERI, 2006 p.38)

#### IV. A INFORMALIDADE

Linguagem coloquial, informal ou popular é aquela do cotidiano, em que não se exige a atenção total da gramática. A intenção é somente que haja mais fluidez na comunicação oral. Aqui, utilizam-se muitas gírias e palavras nem sempre dicionarizadas.

Podemos demonstrar com o exemplo:

Todos nós já tivemos a experiência de estar em um lugar público e ouvir uma conversa acontecendo ao redor. Por razões de educação, geralmente não voltamos o olhar diretamente para os eventuais participantes; somos, no entanto, capazes de formar alguma impressão que nos auxilie a identificá-los socialmente, avaliando a origem geográfica e a classe social dos participantes desconhecidos e as circunstâncias da interação em que se acham envolvidos apenas com base na expressão verbal. Assim, vamos supor que, em uma viagem de ônibus, ouvíssemos o vizinho no banco de trás perguntar: ‘Farta muito pra essa lata veia chegá?’ Logo identificamos uma diferença entre a palavra falta, geralmente pronunciada com ‘u’, falta, e sua alternativa farta pronunciada com ‘r’; identificamos também a pronúncia da semivogal I no lugar de lh da palavra *velha*, pronunciada *veia*. Com base nesses laços, suspeitamos de que o falante tem origem rural ou baixa escolaridade, ou está muito à vontade, em uma situação extremamente familiar. A linguagem informal representa as variações da língua de acordo com as condições históricas, culturais e regionais em que é utilizada. (CAMACHO, 2010, p. 85)

Esse padrão informal da fala, sobretudo, os regionalismos, é o que será estudado nesta monografia que tem, como objetivo, combater o preconceito linguístico.

#### Segundo Bagno:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, como vimos no Mito nº 1, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, ‘errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente’, e não é raro a gente ouvir que ‘isso não é português’. Um exemplo. Na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, a transformação de I em R nos encontros consonantais como em *Craudia*, *chicrete*, *praca*, *broco*, *pranta* é tremendamente estigmatizada e às vezes é considerada até como um sinal do ‘atraso mental’ das pessoas que falam assim. Ora, estudando cientificamente a questão, é fácil descobrir que não estamos diante de um traço de ‘atraso mental’ dos falantes ‘ignorantes’ do português, mas simplesmente de um fenômeno fonético que

contribuiu para a formação da própria língua portuguesa padrão. (BAGNO, 1997, p. 29)

O autor, em outra obra, apresenta importante esclarecimento sobre o chamado português não padrão:

— Se estou entendendo bem — diz Emília —, a língua é um balaio de variedades, e só umas poucas vão ser tiradas do balaio para compor o padrão, certo?

Irene se diverte com a comparação, mas concorda.

— Certo.

— E as outras que sobram no balaio, as coitadinhas, as rejeitadas? — quer saber Emília. — Como é que elas ficam?

— Bem, nós já vimos as razões por que a tão celebrada unidade lingüística do Brasil não passa de um mito, isto é, uma idéia muito bonita, muito conveniente, mas falsa e, para piorar, também prejudicial à educação, porque simplifica a realidade que, como vimos, é bastante complexa. No Brasil, portanto, não se fala ‘uma só língua portuguesa’. (BAGNO, 1997, p. 32)

Por isso, no ambiente escolar, tal preconceito deve ser coibido na sua gênese, conquanto os alunos das séries iniciais devem conhecer e respeitar as variáveis da língua falada e seu valor cultural associado à região de origem daquela variante lingüística que, muitas vezes, é transmitida aos filhos pelo pai, pela mãe ou pelos avós. Ocorre que, muitas vezes, não há, por parte da direção das escolas, sejam públicas ou particulares, ações voltadas para valorização do regionalismo falado das crianças, o qual deveria ser enaltecido. Ao contrário, é utilizado como forma de depreciação por parte de outras crianças, que julgam as variantes inferiores em relação à norma culta devido ao sotaque ou à gramática diferente.

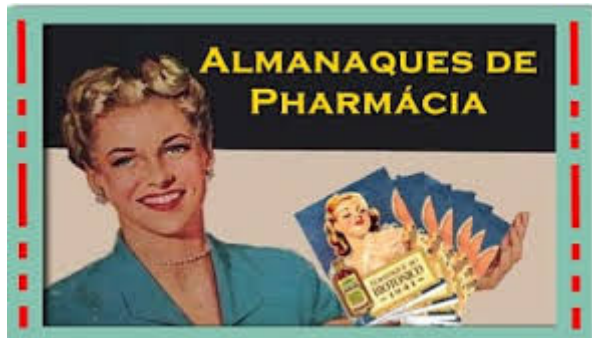
## **CAPÍTULO 2 – VARIAÇÕES DIACRÔNICAS, DIAFÁSICAS, DIATÓPICAS E DIASTRÁTICAS**

Os idiomas em geral e, especificamente, a língua brasileira, apresentam mudanças de acordo com a passagem do tempo, de acordo com a região, de acordo com a classe social. Tais mudanças são classificadas em diacrônicas, diafásicas, diatópicas e diastráticas.

## V. VARIAÇÕES DIACRÔNICAS

Em função do tempo, a língua muda, sobretudo, na escrita. A palavra *farmácia* já foi grafada com ph no lugar da (figura 1)

(Figura 1) Almanques de Farmácia



Fonte: <http://carissimascatrevagens.blogspot.com.br/2009/05/os-almanaques-de-pharmacia-do-meu-avo.html>

Observemos este trecho de uma obra de Carlos Drummond de Andrade:

Antigamente

‘Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio.’

Carlos Drummond de Andrade

Podemos observar que essa obra utiliza nomes e adjetivos que não mais fazem parte da nossa forma de nos expressarmos hodiernamente. A tira em quadrinhos abaixo ilustra bem essa evolução:



FRONTEIRAS LINGUÍSTICAS, *Além do preconceito*. Disponível em: <http://fronteiraslinguisticas.blogspot.com.br/2011/04/exemplo-de-variacao-historica.html> Acesso em 15 de março de 2016. 15:30

A linguagem dos internautas se utiliza da diminuição e até da supressão dos vocábulos, como: vc (para você), tb (para também) ou mesmo os *emoticons*:



Na toada da temática, a linguagem se mostra intimamente ligada à época em que se vive. Palavras e expressões como ‘vosmecê’, ‘mirréis’, ‘qual é a sua graça?’ já foram muito utilizadas, mas, hoje, perdem-se no tempo e nas obras literárias escritas em determinada época.

## VI. VARIAÇÕES DIAFÁSICAS

Este tipo de variação está intimamente relacionado ao contexto da comunicação como um todo. Em sendo assim, exigirá um modo de falar distinto e peculiar, formal ou informal. Podemos exemplificar citando um bate-papo informal ou até mesmo um discurso prolapado em um evento solene.

## VII. VARIAÇÕES DIATÓPICAS

Variações diatópicas são aquelas relacionadas às diferentes regiões no que tange ao modo de falar. Tais diferenças podem se dar tanto em relação à semântica, quanto à sintaxe. Muitos utilizam de tais variações, que também são conhecidas como dialetos: características linguísticas de diferentes regiões. Segundo Djiby Mané:

Língua e dialeto são termos que apresentam certa ambiguidade de sentido, o que torna difícil seu entendimento. Não há consenso universal sobre os critérios usados para distingui-los, embora exista um número de paradigmas que se torna, às vezes, resultados contraditórios. Língua e dialeto são duas denominações que se aplicam a aspectos diferentes, mas não opostos, do fenômeno extremamente complexo que é a comunicação humana. Para os gerativistas, não há relevância na distinção entre língua e dialeto. Eles baseiam seus argumentos na distinção entre língua interna (Língua-I) e língua externa (Língua-E). A Língua-I é basicamente um idioleto, isto é, um sistema individual de uma língua. A Língua-E, por outro lado, tem sido definida como uma série de sentenças produzidas por uma população falando uma língua particular. Idioletos e línguas comuns representam diferentes níveis de abstração. Os primeiros são níveis de abstrações da fala, os últimos são extrapolações que podem ser caracterizadas como conjuntos de Línguas-I. Não se pode falar em mudança, que é identificada em nível da população, sem aceitar a existência de um conjunto de língua-I (MUFWENE, 2001, p. 2). A linguística moderna reconhece que o status de língua e dialeto não é somente determinado por critérios linguísticos, mas é também o resultado de um desenvolvimento histórico, geográfico e sócio-político, fatores levados em consideração para distinguirmos língua e dialeto. (DJIBY; MANÉ, 2008 p. 02)

Podemos citar a palavra *mandioca*. A depender de cada lugar, muda para *aipim* ou *macaxeira*. Nessa toada, podemos destacar também os sotaques, que são características orais da linguagem de cada região, como o sulista, o nordestino, o nortista. Variações diatópicas não devem ser confundidas com as gírias, que pertencem ao vocabulário específico de certos grupos, como tatuadores, cantores de rap, skatistas, entre outros.

Em um país de dimensões continentais como o Brasil, o regionalismo é caracterizado pela existência de um grupo particular de elementos linguísticos em um local geograficamente delimitado. Nosso país possui uma miríade de regionalismos. Sua população é formada pela miscigenação de pessoas de diversas nacionalidades oriundas da Europa e da África, caracterizada pela variedade étnica, considerando aqui o grande número de pessoas que colonizou o Brasil e cuja etnia é estrangeira. O povo brasileiro é miscigenado (aqui

enfaticamos a mistura de raças nativas ou não no país). Temos a influência de nomes e de palavras derivadas da cultura indígena preexistente somada à africana, à italiana, à holandesa, à portuguesa.

### **VIII. VARIAÇÕES DIASTRÁTICAS**

Variações diastráticas são aquelas oriundas da convivência entre os grupos sociais. As gírias, os jargões e o linguajar de cada grupo social são exemplos dessa modalidade de variação linguística. Esta é uma variação social, cujas palavras e expressões pertencem a um grupo específico de pessoas, como tatuadores, cantores de rap, skatistas, entre outros.

Os jargões estão diretamente relacionados à profissão. Eles detêm, como característica fundamental, a apresentação de um linguajar técnico intimamente ligado à classe de quem utiliza, como advogados, médicos, profissionais de informática. Advogados, por exemplo, usam:

ABROQUELAR: Fundamentar

APELO EXTREMO: Recurso extraordinário

AREÓPAGO: Tribunal

AUTARQUIA ANCILAR: Instituto Nacional de Previdência Social. (INSS)

CARTULA CHÉQUICA: Folha de talão de cheques.

COM ESPEQUE NO ARTIGO: Com base no artigo.

COM FINCAS NO ARTIGO: Com base no artigo.

COM SUPEDÃNEO NO ARTIGO: Com base no artigo.

ESTRIBADO NO ARTIGO: Com base no artigo.

CONSORTE SUPÉRSTITE: Viúvo (a).

DIGESTO OBREIRO: Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

DIPLOMA PROVISÓRIO: Medida provisória.

ERGÁSTULO PÚBLICO: Cadeia.

ESTIPÊNDIO FUNCIONAL: Salário.

EGRÉGIO PRETÓRIO SUPREMO: Supremo Tribunal Federal (STF).

EXCELSO SODALÍCIO: Supremo Tribunal Federal (STF).

PRETÓRIO EXCELSO: Supremo Tribunal Federal (STF).

EXORDIAL: Peça ou petição inicial.

PROLOGAL: Peça ou petição inicial

FULCRO: Fundamento.

INDIGITADO Réu.

PEÇA INCOATIVA: Peça ou petição inicial.

PEÇA-OVO: Peça ou petição inicial.

PEÇA VESTIBULAR: Peça ou petição inicial.

PETIÇÃO DE INTRÓITO: Peça ou petição inicial.

RES IN JUDICIO DEDUCTA: Petição inicial.

PEÇA INCREPATÓRIA: Denúncia.

PROEMIAL DELATÓRIA: Denúncia.

REMÉDIO HERÓICO: Mandado de segurança.

VISTOR: Perito

(BITTAR; EDUARDO 2001, p.32 )

No interior das classes sociais e de seus núcleos, temos também uma variação linguística. Podemos exemplificar o linguajar utilizado nos morros do Rio de Janeiro que, de uma forma ou de outra, é compreendido por seus falantes: *popozuda* (moça de região glútea

acentuada), *pichadão* (rapaz conquistador de boa aparência), *chapa-quente* (diz-se de rapaz cuja performance sexual é notável), entre outros exemplos que demonstram que o linguajar nas classes sociais é muito variável.

Atualmente, podemos perceber também a variação do linguajar de pessoas de diferentes faixas etárias. Neste contexto, enquadram-se também pessoas que são resistentes à evolução da língua escrita. Por exemplo, pessoa mais velha que não tem contato com computadores ou com telefones celulares não entenderão facilmente o que se lê a seguir: Kd seu bro? Foi na padok? Pq vc não foi com ele? V6 me dão muito trab... (Onde está seu irmão? Foi à padaria? Por que você não foi com ele? Vocês me dão muito trabalho). Com efeito, as pessoas mais velhas não terão facilidade em lidar com esse tipo de neologismo escrito.



## IX. PRECONCEITO LINGUÍSTICO

O que é preconceito linguístico? É a discriminação pela fala. Ocorre, modo geral, quando alguém critica o outro pela sua expressão verbal, gerando marginalização linguística e julgamento errados que acabam sendo uma arma daqueles que mantêm o poder em suas mãos. Muitas pessoas cultas acreditam que só se comunica quem fala e escreve de acordo com a regra gramatical. É um equívoco. Todos se comunicam, independentemente do critério. Nós conseguimos sair do sul e conversar no nordeste sem maiores problemas. Claro, há diferenças, pois é uma questão de aquisição de vocabulário das comunidades falantes.

Noutro giro, podemos constatar que a variação linguística é um fenômeno regular do sistema linguístico brasileiro. São de impressionar a ordenação da natureza linguística bem como todas as variações apresentadas. Cada pessoa tem um modo muito pessoal de se expressar verbalmente. O interessante é que essas variações da fala são o padrão. Ao montar sua estrutura de expressão, os falantes das variações populares o fazem sem qualquer regramento, sem base científica. Ora, o fato de não se conhecer a variedade culta escrita do português não significa inexistência de regras para expressão verbal, pois são propriedades da própria língua os dialetos e as variantes regionais.

Por todo o aludido, poderíamos ensinar aos estudantes desta geração que a forma de expressão verbal com características regionais não pode nem deve ser objeto de escárnio, posto que essa forma de expressão é parte da cultura de cada região. Vejamos a posição de Lopes:

Não parece haver muita diferença entre o riso provocado pela fala de alguém e a emissão de uma opinião, como a da jornalista [Marilene Felinto], sobre a variedade do interior de São Paulo. Atitudes como essas são motivadas por discriminação. Esse tipo de preconceito, que infelizmente ainda se mantém, foi forjado pela tendência evolucionista do final do século XIX, segundo a qual diferenças culturais entre civilizações de diferentes estágios tecnológicos se correlacionariam a diferentes estágios na evolução da língua: assim, quanto mais 'primitivo' fosse o estágio cultural de um povo, tanto mais 'primitiva' seria a estrutura da língua que ele

fala. Outra fonte de preconceito, gerado por essa perspectiva, é a afirmação de que '[...] o japonês frequentemente remedeia a ausência de relativos com o emprego do chamado processo de anteposição'. (LOPES, 1980, p. 29 apud CAMACHO, 1984)

A variedade de expressão verbal de pessoas simples é muito utilizada para a expressão artística, como composições de vários autores:

Intãoce fui in casa, peguei o meu laço de côro de veado pardo, que tem guentado tôro marruá... fui no ferrero, mandei fazê um anzolão de dois parmo, incastoei bem incastoadado, matei ua leitôa, sapequei cum tripa e tudo, ponhei no anzó, feito isca; marrei o laço nua arve e pinchei o anzó no fundão... (PIRES; CORNÉLIO 1985, p. 111)

Nesse texto, identifica-se a variedade urbana usada por pessoas de baixo grau de escolaridade. Língua não é imutável. Por isso, percebe-se sua alteração com o passar do tempo, com a mudança do lugar e do contexto. Por esse motivo, podemos aprender que aquilo que é considerado normativo para a variedade-padrão em uma determinada época pode ser considerado obsoleto em razão das formas mais utilizadas em outro período.

Variação e preconceito linguístico estão intimamente ligados, pois, se na língua escrita, utiliza-se como parâmetro a norma culta, na linguagem de expressão oral prevalece a forma como se fala em cada contexto, dentro de casa, no convívio com os familiares e amigos. No ambiente escolar, cada um tem a sua própria forma de se expressar e, em decorrência disso, surge o preconceito, que deve ser firmemente combatido.

## **X. PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO BRASIL**

Na prática, o preconceito linguístico no Brasil se dá mais em relação a pessoas das zonas rurais, a pessoas mais pobres e aos diferentes sotaques apresentados no país. A mídia e os principais meios de comunicação (televisão, rádio e internet) deveriam combater o

preconceito linguístico, mas, em vez disso, reforçam-no apresentando um único padrão que apaga sotaques e variantes. Bagno expõe:

É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina são, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano linguístico, atores não nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum no Brasil, muito menos no Nordeste. (BAGNO, 2006 p. 44)

Pelo fato de a maior parte da mídia se concentrar na região sudeste, o preconceito linguístico é muito reforçado contra o sotaque nordestino e contra pessoas do interior.

Atualmente, as formas de *bullying linguístico* são:

- Verbal (insultar, ofender, falar mal, colocar apelidos pejorativos, “zoar”)
- Física e material (bater, empurrar, beliscar, roubar, furtar ou destruir pertences da vítima)
- Psicológica e moral (humilhar, excluir, discriminar, chantagear, intimidar, difamar)
- Sexual (abusar, violentar, assediar, insinuar)
- Virtual ou *Ciberbullying* (*bullying* realizado por meio de ferramentas tecnológicas: celulares, filmadoras, internet etc.)

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA – CNJ, *Bullying*. Brasília-DF

Disponível em:

< <http://www.ctur.ufrrj.br/Documentos/CartilhaBulliying.pdf>.> Acesso em 26 abril 2016. 14:16.

A influência que a língua tem sobre a nossa vida é muito clara. O modo de falar e de escrever pode dizer de onde o falante vem e até a classe social em que ele está inserido. O preconceito linguístico pode desestruturar uma pessoa socialmente, pois o simples ato de ironizar o que é tido como erro pode acabar prejudicando o seu desempenho escolar e social. As escolas deveriam abordar mais esse tema, pois muitas crianças, mesmo sem saber o que é

preconceito linguístico, acabam ironizando os colegas que falam de modo distinto. Terminam por praticar *bullying* com as outras crianças.

Toda essa diversidade está dentro das escolas, principalmente, no Distrito Federal, que foi, e ainda é, de certa forma, um celeiro de obras e de pessoas oriundas das diversas partes do país, sendo comum que filhos de pessoas originárias de vários estados estudem juntas. Os pais repassam aos filhos sua cultura e seu modo de falar. Isso exige, do profissional de educação, certa habilidade em lidar com o regionalismo e coibir o preconceito linguístico na escola. O tema preconceito linguístico é estudado de forma recorrente entre os operadores da Sociolinguística, disciplina que estuda o fenômeno da variação linguística, os fatores que a condicionam e as atitudes da sociedade em relação às variedades.

O preconceito consiste em se considerar alguém ou um determinado grupo – negros ou índios, mulheres, crianças, iletrados – inferior ou incapaz. O mesmo se dá com o preconceito linguístico: aqueles cuja linguagem não é norma padrão são tidos como portadores de defeitos. Podemos dizer que o preconceito linguístico é um preconceito social, um tipo de discriminação que atinge indivíduos ou grupos que são consideradas inferiores (sem conexão com a realidade), pois o seu tipo de fala não se coaduna com a norma gramatical vigente.

O maior problema do preconceito linguístico no Brasil não é a forma falada em cada região, propriamente dita, isso aliado a outros fatores, como a música, a dança e os valores que formam o valor cultural de cada região. O grande problema é a falta de efetividade de um projeto que estimule ações visando a enaltecer o valor do regionalismo, seja na forma escrita ou falada deixando clara sua distinção da norma culta.

Por não ocorrerem, de forma recorrente, ações voltadas para o enfrentamento do preconceito linguístico e devido ao foco no ensino da língua materna em sua norma culta e à inação das autoridades administrativas e políticas, o universo escolar estabelece poucas campanhas de enfrentamento de discriminações diversas, inclusive, da discriminação linguística. Esta afirmação é oriunda da observação deste pesquisador, tanto na internet, quanto nos veículos de comunicação de massa (TV, rádio, etc).

Contudo, não dependemos, uma vez que instruídos para assumir tal tarefa, das políticas governamentais de educação, da direção e da coordenação ou dos pais para identificar a discriminação. Devemos adotar políticas contra a discriminação de todas as formas. Em relação à variação linguística, sobretudo, a regional e a informal, temos de ir além: estimular a produção do conhecimento sobre o valor indiscutível da variação linguística. Ainda nessa toada, devemos visar às crianças diretamente envolvidas, protegendo-as das práticas de *bullying* linguístico que atingem a sala de aula. A informação é uma maneira de combater.

Na elaboração desta monografia, utilizei a pesquisa em livros de gêneros jornalísticos e legais. A metodologia de pesquisa foi aplicada ao caso concreto (*bullying* linguístico), bem como à questão ligada à linguagem formal e sua inevitável comparação com a linguagem regional, comparação essa ensinada pelos pais das crianças em idade de frequentar as séries iniciais e que não são orientadas pelo valor cultural que a língua falada de cada lugar do país detém. O desenvolvimento metodológico consiste na exposição ordenada do tema tratado com a análise holística do assunto proposto, dos aspectos conceituais e sua aplicação ao cotidiano das escolas.

Também conto com minha experiência profissional de mais de 20 anos de magistério lidando com os mais diversos tipos de situações nas quais pude observar que a expressão verbal das crianças, com suas peculiaridades e características regionais, não é alvo da devida atenção no sentido da promoção e da valorização da cultura de cada região. Reconheço eventos escolares, como a semana do folclore, quando se fala das características regionais em um país tão grande como o Brasil, ou até mesmo a festa dos estados, que ocorre em alguns estados, mas tais eventos não têm foco no preconceito linguístico. Neles, não percebo esforços para a prevenção ou a interrupção da prática do preconceito linguístico.

Na entrevista com a professora de séries iniciais R. M., que hoje atua como coordenadora no Colégio La Salle, perguntamos: Como você identifica a existência de preconceito linguístico na escola?” Resposta: “Procuro estimular a leitura e a comunicação verbal entre as crianças visando desenvolver a fala e aumentar o nível de absorção de palavras novas e termos gramaticais. Neste contexto, podemos aferir que muitos se expressam com sotaque e utilizam termos não raro utilizados nos locais de origem de seus pais. Quando há alguma discriminação por conta do forte sotaque procuramos instruir os pequenos alunos sobre a importância de valorizar a cultura de cada região e que a fala diferente somente enriquece o nosso país”<sup>1</sup>

Vejamos esta reportagem sobre *bullying* verbal:

**Bullying Verbal** – é o tipo de bullying mais comum, usado tanto por meninos quanto por meninas. São os apelidos, as gozações, a difamação, a crítica cruel, telefonemas abusivos, e-mails que intimidam, ameaças, fofocas, ‘brincadeiras’ sobre raça, religião e orientação sexual. É mais fácil de fazer, porque pode ser só sussurrado, de forma que os adultos não escutem. Pode vir através de bilhetinhos passados na turma escondido do professor.

Existe um limite muito tênue entre as brincadeiras normais e o bullying verbal. Como diferenciar entre os dois? A brincadeira deve fazer parte do ambiente escolar e quando ela acontece todos se divertem. Com o bullying não é assim! Em geral um grupo se diverte, morre de rir e uma pessoa sofre, se sente humilhada e diminuída e o objetivo de quem faz as brincadeiras é este mesmo, ver o outro sofrer.

SER ADOLESCENTE Disponível em:

<<http://problemasnaadolescencia15.blogspot.com.br/2011/12/palavras-tambem-machucam-video.html>> Acesso em 05 maio 2016. 12:16.

Existe preconceito linguístico nas práticas escolares de nível Fundamental I, em decorrência das variações linguísticas? Respostas: Sim, existe o preconceito decorrente das variações linguísticas, mas isso pode e deve ser combatido, explicando aos alunos de formação inicial o porquê de tanta variação na forma de se falar, a origem e a importância de

---

<sup>1</sup> **Informação verbal.**

se valorizar a cultura de cada região, não dependendo somente de legislação específica e de sua implementação no âmbito escolar.

R. M. L de M., moradora de Ceilândia-DF, sempre sofreu discriminação por sua forma de se expressar verbalmente. Seus pais vieram do interior do nordeste, especificamente, do interior do Rio Grande do Norte. Ela então passou a falar pouco devido ao seu forte sotaque. Era vítima de brincadeiras depreciativas por parte de seus colegas de classe. Tornou-se uma pessoa taciturna, sorumbática e até mesmo introvertida. Não tinha condições e nunca fez acompanhamento psicoterápico visando a superar este trauma.<sup>2</sup>

J. M. B, aluno em uma escola pública em Formosa/GO no ano de 2013, após meses sofrendo preconceito por parte de seus colegas de classe, acabou agredindo um colega de classe que o admoestava devido à sua forma de se expressar conforme é usual no interior de Minas Gerais. Ele utilizava modos peculiares de se expressar, tais como *uai, sô, sá, trem*, tipicamente falados pelo mineiro. O estudante em questão quis desistir de estudar e fez acompanhamento psicológico por dois anos.

---

<sup>2</sup> Depoimento colhido da própria pessoa que hoje conta com 20 anos.



Este estudo defende que é possível combater o preconceito linguístico. Para que se tome como possível medidas visando a solucionar esse problema, é relevante que o professor trabalhe com seus alunos explicando o porquê das diferenças linguísticas e explore texto atuais que auxiliam o rompimento dos preconceitos, de modo que todos os alunos possam trabalhar juntos, construindo novos conhecimentos. Neste caso, é de suma importância que o professor pesquise material teórico sobre o *bullying* no afã de coibir as diferentes práticas de preconceito que se estabelece pela linguagem. Podemos prevenir e educar melhor nossos estudantes do Ensino Fundamental I sobre o tema. Podemos pedir a colaboração da coordenação escolar, de diretores, de outros professores, da comunidade escolar e informar outras pessoas sobre a incidência do fenômeno: pais que não participam das reuniões escolares, amigos, psicólogos, psicopedagogos. Desenvolvimento autocrítico positivo mais adequado, como a autoestima, reforço pessoal e assertividade e capacidade de se impor, de defender o próprio ponto de vista são úteis para a vítima conseguir enfrentar seu destino. O desenvolvimento do comportamento de autocontrole e de tolerância, de sentimento altruísta e de educação social e cívica, como a empatia, a compreensão, a solidariedade e o respeito às regras seria útil, para evitarmos cair em caminhos perigosos.

O governo, no âmbito federal ou estadual, não se refere especificamente ao preconceito linguístico propriamente dito, mas, sim, de forma genérica contra a prática do *bullying*. Como podemos minimizar tal prática? Observando e coibindo qualquer tipo de discriminação e preconceito bem como enaltecendo o valor da cultura de cada região do país. Tudo isso pode ser desenvolvido com campanhas nacionais e regionais visando ao esclarecimento do problema, o que levará à identificação da problemática. O linguajar regional deve ser ensinado como matéria extracurricular, na qual não se tratará o preconceito linguístico como algo despiciendo em seu valor. Para tanto, por iniciativa estatal, poder-se-ia

formar um grupo de estudo com a missão de apresentar sugestões factíveis para a identificação e, conseqüentemente, a coibição desta conduta discriminatória.

Em resposta às indagações citadas alhures, eis as respostas: existe preconceito em decorrência das variações linguísticas? Sim, existe. Entre outros tipos de preconceito e de discriminação, este é mais um dos motivos pelos quais se deve observar atentamente a convivência dos alunos das séries iniciais. Existe um plano de combate a esse preconceito, mas de forma genérica e sem punição prevista. Observemos esta reportagem do Correio Braziliense:

Lei Antibullying prevê que escolas adotem medidas preventivas, mas não há punições

De acordo com o documento, ataques físicos, insultos pessoais, comentários sistemáticos e apelidos pejorativos, ameaças por quaisquer meios, grafites depreciativos, expressões preconceituosas e isolamento social consciente e premeditado são tipos de intimidação.

É lei: escolas e clubes devem adotar medidas de prevenção e combate ao bullying. Sancionada pela presidente Dilma Rousseff em novembro, o texto que entrou em vigor nesta semana institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática em todo o território nacional.

A nova lei estabelece que professores e equipes pedagógicas deverão ser capacitados para implementar ações de prevenção e solução do problema. Além disso, pais e familiares serão orientados para identificar vítimas e agressores. Outro ponto presente no texto é a realização de campanhas educativas e o fornecimento de assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores.

O presidente da Associação de Pais e Alunos das Instituições de Ensino do Distrito Federal (Aspa-DF), Luís Claudio Megiorin, acredita que a lei precisa ser melhor compreendida. Ele chama a atenção para o fato de o texto não prever nenhum tipo de punição nem para os agressores nem para as escolas que não fazem a vigilância de situações de bullying.

“É uma iniciativa válida, que dá mais clareza à questão, mas questionamos a eficácia dessa lei. É necessário que haja mais vigilância dentro do ambiente escolar. Para isso, seria necessário que houvesse monitores observando as práticas de bullying na escola, não só dentro de sala, mas em banheiros, na hora do intervalo. Não é tão difícil identificar vítimas e agressores”, avalia o presidente da Aspa-DF.

(...)

“Professores fazem vista grossa”

A estudante Jéssica Cruz, de 17 anos, nunca sofreu bullying, mas já viu amigos sendo vítimas de piadas e brincadeiras sem graça dentro de sala de aula.

“Acho esse tipo de comportamento muito injusto e constrangedor, pois todos nós somos iguais, e ninguém merece sofrer bullying. A aparência da pessoa não determina o caráter dela. Sempre fiquei indignada com essas coisas”, afirma a estudante. Segundo ela, muitos professores fazem vista grossa em relação às agressões verbais entre alunos. (

JORNAL DE BRASÍLIA Disponível em:  
<<http://www.jornaldebrasil.com.br/noticias/cidades/666948/lei-antibullying-preve-que-escolas-adotem-medidas-preventivas>>  
Acesso em 11 fev 2016 16:15.

Por que e como o *bullying* linguístico se materializa nas escolas de Ensino Fundamental? No Distrito Federal, não tanto tempo atrás, muitas famílias vieram dos diversos estados da federação para a construção da capital. Junto com essas famílias, vieram seus hábitos e costumes inerentes a cada região de origem. Seus descendentes, ainda que muitos já nascidos no DF, repassam sua cultura, modo de vestir, de comer e também de falar aos seus filhos. Estes têm, como ponto comum, a escola, onde se encontram e cada um traz a sua bagagem cultural. O que ocorre é que isso culmina por vezes em um choque no tocante a cada tipo de criação que o aluno recebe em sua casa.

## CONCLUSÃO

Atualmente, a problemática do preconceito e da discriminação vem se expandindo em nosso país. O preconceito étnico, social e, no caso desta monografia, o preconceito linguístico que atinge nossos jovens em tenra idade no ambiente escolar a suas especificidades de expressão oral nos levam à reflexão.

Quais as políticas públicas ou normas existentes que possam viabilizar e orientar o combate ao preconceito nas escolas? Na ausência dessas políticas, existiria algum tipo de conduta a ser seguida pela direção, pela coordenação e pelos educadores que possa minimizar essa conduta aflitiva? A resposta é “sim”. Não devemos esperar por iniciativa do poder legislativo para que seja editada norma nesse sentido. O corpo docente pode e deve se empenhar para conseguir reprimir o preconceito linguístico e demonstrar que a forma falada, com suas distintas variáveis, detém importância, pois mantém viva a cultura existente nas diversas regiões do país e, por que não dizer, no ambiente escolar. Devemos esclarecer aos estudantes que o ensino da norma culta é importante, mas que qualquer forma de discriminação contra as variantes linguísticas é absurda.

O ensino de rotinas de aprendizagem no sentido de valorizar a cultura de cada região, bem como o combate ao preconceito linguístico nos casos em que couber, podem e

devem constar do ensino de Língua Portuguesa e dos temas transversais. Propostas nesse sentido devem ser amplamente divulgadas nos veículos midiáticos no afã de estimular a repetição deste *modus operandi* nos demais estabelecimentos de ensino.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, M. *A língua de Eulália*. São Paulo: Contexto. 1997

BAGNO, M. *Preconceito Linguístico*. São Paulo: Loyola. 2007

(CAMACHO, 2010, p. 85)

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA – CNJ, *Bullying*. Brasília-DF

Disponível em:

< <http://www.ctur.ufrj.br/Documentos/CartilhaBullying.pdf>.> Acesso em 26 abril 2016. 14:16.

(DJIBY; MANÉ, 2008 p. 02)

FARACO, Carlos Alberto. *Prática de Texto*. Petrópolis: Vozes, 1992

OLIVIERI, A. C. *Pedagogia & Comunicação*. São Paulo. 2006

SEMENOVICH, Lev, *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: 2002

MANE (2008)

PIRES, CORNÉLIO (1985)

FRONTEIRAS LINGUÍSTICAS, *Além do preconceito*. Disponível em:  
<<http://fronteiraslinguisticas.blogspot.com.br/2011/04/exemplo-de-variacao-historica.html>>  
Acesso em 15 de março de 2016. 15:30

SER ADOLESCENTE Disponível em:  
<<http://problemasnaadolescencia15.blogspot.com.br/2011/12/palavras-tambem-machucam-video.html>> Acesso em 05 maio 2016. 12:16